

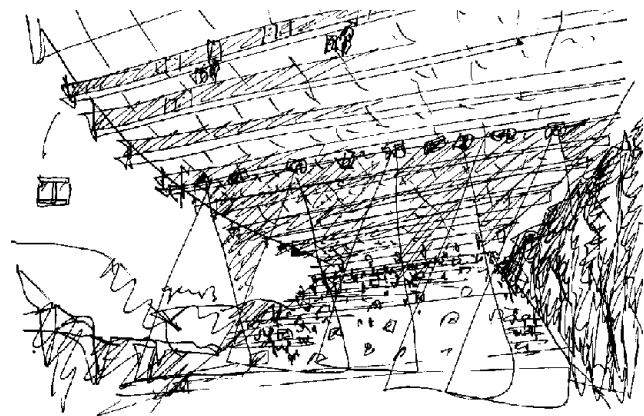
O NATURAL E A NATURALIDADE.

“OS DEUSES DENTRO”

ISA CLARA NEVES

“No princípio, Deus criou o céu e a terra”. Assim começa a Bíblia. Sem utilizar nenhum material pré existente, sem nenhum instrumento, Deus foi criando todas as coisas: o céu e a terra, os animais e as plantas... e por último o homem. Tal como *Adão*, *Eva* também foi criada directamente por Deus da costela de *Adão*. Eis a criação divina, a natureza que existe no mundo. No entanto, nem tudo que existe no mundo é “arquitectura” da natureza. Casas, pontes, estradas são criação do homem, manifestando-se o desejo e necessidade de este declarar a sua própria existência, acrescentando ao pré-existente o *construído*, o *artificial*. Deste ponto de vista, “*natureza*” ou “*natural*” é toda a envolvente que não teve ainda intervenção antrópica. No entanto, estas duas realidades não têm forçosamente que viver em oposição, uma contra a outra.

Para Eduardo Souto de Moura, a relação do natural com o construído acontece com naturalidade. Esta transformação criativa do mundo traduz-se num processo de *adequação*. “Não há linguagens universais, assim como não há sítios universais, existe apenas ‘adequação’¹ e é isso que demonstra a sua obra. No Estádio, paradoxalmente, a harmonia entre o natural e o artificial consegue-se através do conflito inicial. Destrói-se com violência a pedra, mas devolve-se também natural. A habitual troca entre a natureza e o homem, de troca entre natural e artificial, é aqui reequacionada... A relação do construído com a natureza por um lado pronuncia um aparente contextualismo, integração, mas acarreta um desbaste, um acto quase contra natura que vai ganhando território. Toda aquela montanha de pedra foi demolida e a pedra retirada da pedreira foi reutilizada para fazer o betão da nova montanha que se ergueu. Escavou-se a pedra e fez-se uma montanha de pedra moída. O betão passou a ser a pedra artificial, um ligante das pedras do sítio. A natureza manipulou-se. Subverteu-se. Refez-se o sítio, e a arquitectura interveio... Percebeu-se profundamente o “yang da natureza para que depois o betão funcionasse como o ying”², jogando complementarmente.



1 Souto de Moura, Eduardo in entrevista conduzida por Isabel Salema publicada em 27 de Janeiro de 2005, [<http://ipsilon.publico.pt/artes/entrevista.aspx?id=280448>]

2 Souto de Moura, Eduardo in entrevista conduzida por Luis Rojo de Castro “The naturalness of things”, Revista Croquis de Eduardo Souto de Moura 1995-2005

Seduziu-se a paisagem, não propondo dominações, mas sim prolongamentos, aceitando que o natural se possa construir com as ferramentas da arquitectura. Construiu-se a aparência das coisas através de sistemas que não são evidentes. Descobriu-se o vazio do terreno, para o complementar. Ambos, lugar e arquitectura resultam adequados entre si.

Extremando vontades, aparentemente não há nada que se queira artificial nem nada que se queira natural... Primeiro é o sítio, depois a arquitectura adiciona-se e um novo sítio é criado, uma segunda natureza. “Pensou-se o projecto em positivo e desenhou-se o negativo que era a escavação: meteram-se as mãos no sítio”³. Um parto tirado a ferros resultando uma vida fluída é o que me suscita o Estádio, acontecimento híbrido no percurso de Eduardo Souto de Moura. Sintetizam-se duas vontades de relação entre natural/artificial, fundindo-se e distinguindo-se em simultâneo da paisagem. Por um lado a vontade de adaptação e fusão à paisagem, retratada na manipulação imperceptível do terreno, como na Casa de Moledo; por outro, a justaposição do contraste entre construído e paisagem através de peças independentes, como na Casa das Histórias. A forma do estádio emerge como um *revival* dos anfiteatros da antiga Grécia ou Roma, que se destaca da paisagem, enquanto a sua materialidade prolonga a pedreira, e a sua escala permite transformar a geografia.

A natureza surge como um laboratório no qual Eduardo Souto de Moura manipula formas e materiais. Esta manipulação cria um novo natural, posterior a uma paisagem sofrida, desbastada, parida. Transmuta-se assim numa cultura desassomburada. Esse desconcerto tem sido ir contra as expectativas do que se espera... Tem arriscado, sem ter medo de falhar, que da próxima vez só nos resta falhar melhor⁴.

Ocorre-me dizer que a dimensão divina está aqui, na dádiva de um “natural” feito pela mão do homem, transformando-se uma geografia com um enorme *entusiasmo*. Esta palavra deriva de uma expressão grega que significa “ter os deuses dentro”. Sempre que sentimos “os deuses dentro”, de uma pessoa, de muitas, ou de coisas, da natureza, das montanhas, dos rios, sentimos o que nos falta para nos convencer que viver vale a pena”⁵.

Esta obra é capaz de reequacionar a fronteira entre natural e artificial e a transformação criativa do mundo. Não alimenta a nostalgia do passado, aponta sim para o futuro, bebendo de um “internacionalismo crítico”⁶, apreendendo “aqui & ali” na herança, nas reflexões válidas, na “energia” interna de obras consistentes, que povoam a memória e o conhecimento profundo de Eduardo Souto de Moura, que outrora terá duvidado se Deus devia ter descansado ao sétimo dia. É que pensando bem, segundo ele, “teria ficado por fazer uma geografia como a de Delfos, a Acrópole para receber o Parténon ou secar um pântano no Illinois, onde a Farnsworth pudesse ficar”⁷.

Estando eu condenada a buscar a transcendência no reino do humano, diria que teria ficado por fazer o Estádio de Braga. Píndaro, na Grécia antiga proclamara: “não aspirais à vida imortal, mas esgotai o campo do possível”. O estádio esgotou-o, atando-se à eternidade, vislumbrando “os Deuses Dentro”.

3 Souto de Moura, Eduardo in entrevista conduzida por Isabel Salema publicada em 27 de Janeiro de 2005, [<http://ipsilon.publico.pt/artes/entrevista.aspx?id=280448>].

4 Beckett, Samuel, *Últimos Trabalhos de Samuel Beckett*, Editora: O Independente 1996.

5 Galeano, Eduardo Hughes; in comentário relativo às manifestações populares em Espanha, Junho 2011.

6 Conceito do Jean-Louis in Cohen, Jean-Louis. “The Italophiles at Work.” Reprinted in *Architecture Theory since 1968*.

7 In discurso do arquitecto Eduardo Souto de Moura na entrega do Prémio Pritzker 2011

NATURE AND NATURALNESS

“THE GODS WITHIN”

ISA CLARA NEVES

“In the beginning God created heaven and earth”. So begins the Bible. Without using any pre-existing material, without any tools, God went about creating all things: heaven and earth, animals and plants... And finally, man. Like *Adam*, *Eve* was also created directly by God from Adam’s rib. This is divine creation, the nature that exists in the world. However, nature is not the “architect” of everything that exists in the world: houses, bridges, roads are the creation of Man, manifesting the desire and need to declare his own existence, adding to the pre-existing the *built*, the *artificial*. From this point of view, “*nature*” or “*natural*” are those parts of the environment that have not yet been subject to human intervention. However, these two realities do not necessarily have to live in opposition with each other.

For Eduardo Souto de Moura, the relationship between the natural and the built occurs naturally. This creative transformation of the world translates into a process of *adaptation*. “There are no universal languages just like there are no universal sites; there is only ‘adaptation’”¹ and it is this that is borne out in his work. In the stadium, the harmony between the natural and the artificial is achieved paradoxically by means of the initial conflict. Rock is destroyed with violence, but is also returned to nature. The usual exchange between man and nature, between natural and artificial, is reformulated. The relationship between that which is built and nature on one hand proclaims an apparent contextualism, an integration, but for this the rock is hewn out in an act practically against nature to reclaim the ground. The mountain was demolished in its entirety and the quarried stone reused to make the concrete for the new mountain that rose up. The stone was excavated and a mountain of crushed stone made. The concrete became an artificial rock, the stones from the site bound together. Nature was manipulated. Subverted. The site was remade and architecture intervened... the “yang of nature” was profoundly understood “so that the concrete could then function as the ying”², working in harmony.

1 Souto de Moura, Eduardo in an interview conducted by Isabel Salema, published 27 January 2005, [<http://ipsilon.publico.pt/artes/entrevista.aspx?id=280448>]

2 Souto de Moura, Eduardo in an interview conducted by Luis Rojo de Castro “The naturalness of things”, Revista Croquis – Eduardo Souto de Moura 1995-2005

The landscape was seduced, not through dominance, but rather the idea of extension, accepting that nature can be built with the tools of architecture. The appearance of things was built from indiscernible systems. The emptiness of the land was uncovered to act in complement. Both site and architecture were adapted for each other.

In the composition of purpose, it seems there is no desire for the artificial or for the natural. First comes the site, then architecture is added and a new site created, a second nature. “The project was conceived in positive and then the negative, the excavation, was designed: we really got to grips with the site”³. To me, the Stadium evokes a birth assisted by chains that bears a fluid life, a hybrid event in Eduardo Souto de Moura’s career. Two desires of the relationship between natural and artificial are synthesised, merging with and standing out from the landscape at the same time. On one hand, we have the desire to adapt to and merge with the landscape, portrayed through unobtrusive manipulation of the land, as in the Moledo house; on the other, the juxtaposition between buildings and landscape through the use of independent sections, as in the House of Stories. The form of the stadium emerges as a revival of the amphitheatres of ancient Greece or Rome, standing out from the landscape, whilst its materiality extends the quarry and through its scale it transforms the geography.

Nature provides a laboratory in which Eduardo Souto de Moura manipulates forms and materials. This manipulation creates a new nature, which ensues from the punishment, hewing and rebirth of the landscape. It is transformed into a culture of fearlessness. The mark of this disorder has been to go against expectations... Taking risks, without fear of failure, so next time we can only fail better⁴.

It comes to mind that there is a hint of the divine here, in the gift of a “natural” made by the hands of man, transforming geography with great *enthusiasm*. This word derives from a Greek expression meaning “to have the gods within”. Whenever we feel “the gods within” a person or many people or within things, nature, mountains or rivers, we feel what we were lacking to convince us that life is worth living⁵.

This work is able to rethink the boundary between natural and artificial and the creative transformation of the world. It doesn’t feed nostalgia, but rather points towards the future, drinking from “critical internationalism”⁶, seizing the “here & there” in the legacy, the valid reflections, the inner “energy” of consistent works that inhabit the memory and profound knowledge of Eduardo Souto de Moura, who years before had doubted whether God should have rested on the seventh day. This was because, according to Souto de Moura, when you think about it, “the geography of Delphi, the Acropolis for the Parthenon to sit on or a swamp in Illinois to drain, for Farnsworth to stay, were all left to do”⁷.

And I, if tasked to seek out transcendence in the realm of man, would say that Braga Stadium was left to do. In ancient Greece, Pindar proclaimed: “do not aspire to immortal life, but exhaust the limits of the possible”. The stadium has done just this, binding itself to eternity, catching sight of “the gods within”.

3 Souto de Moura, Eduardo in an interview conducted by Isabel Salema, published 27 January 2005, [<http://ipsilon.publico.pt/artes/entrevista.aspx?id=280448>]

4 Beckett, Samuel, *Últimos Trabalhos de Samuel Beckett*, Editora: O Independente 1996

5 Galeano, Eduardo Hughes; in comentário relativo às manifestações populares em Espanha, June 2011.

6 Concept from Jean-Louis in Cohen, Jean-Louis. «The Italophiles at Work.» Reprinted in *Architecture Theory since 1968*. Edited by K. Michael Hays. Cambridge, MA: MIT Press, 1989

7 From Eduardo Souto de Moura’s acceptance speech at the 2011 Pritzker Prize award ceremony